

Miguel Bastos Araújo*

A BIODIVERSIDADE É O SUPORTE VIVO DO PLANETA

Qual a importância efectiva da biodiversidade? Justifica-se a preocupação com a sua perda?

Devolvo-lhe a pergunta: “qual a importância efectiva da Torre de Belém ou do Mosteiro dos Jerónimos?” Uns diriam que estes monumentos são importantes pelo seu valor económico, traduzido pelo número de visitantes. Outros diriam que têm um valor económico de uso, mais abstracto, que poderia ser calculado perguntando às pessoas quanto estariam dispostas a pagar pela sua salvaguarda, ou a receber pela sua perda. Mas outros, nos quais me incluo, responderiam que estes monumentos fazem parte do nosso capital civilizacional. Fazem parte daquilo que nos caracteriza como Portugueses e como tal são insubstituíveis. A biodiversidade, tal e qual a conhecemos hoje, faz parte do capital vivo do planeta. Um capital que permitiu a emergência da humanidade e que continua, nos dias de hoje, a suportá-la. Tem um valor, portanto, que se aproxima do infinito: um planeta sem vida não poderia suportar a vida humana e não há nada mais valioso para a humanidade que a manutenção da própria humanidade.

O que perdemos, quando perdemos biodiversidade?

Há vários níveis de perda. Num extremo há valores éticos e estéticos que são difíceis de quantificar mas que existem e condicionam os nossos comportamentos. Noutra extremo,

existem valores económicos tangíveis. Um exemplo paradigmático são os mais de 100 000 invertebrados polinizadores dos quais depende grande parte da nossa alimentação. Por exemplo, nos Estados Unidos um estudo estimou que o serviço de polinização prestado pelas abelhas vale 1.6 biliões de dólares anuais. Esse valor ascenderia a 8.3 biliões de dólares anuais se os polinizadores nativos fossem eliminados. Estamos a falar num único serviço, em apenas um país. Considerem-se outros serviços, como a sequestração de carbono, a produção de oxigénio, o controlo de pragas, a formação de solo, para se compreender quão dependente é a nossa economia (e a nossa própria existência) da biodiversidade.

Actualmente o pensamento ambiental é muito conduzido pelas preocupações com as alterações climáticas. Porque razão devemos preocupar-nos também com a perda de biodiversidade?

A biodiversidade é o suporte vivo do planeta. É o que distingue o nosso planeta dos restantes. Não é de descartar a possibilidade de que existam outros planetas que pudessem suportar a vida humana mas não os conhecemos pelo que é de elementar bom senso que se considerem opções que permitam uma coabitação das actividades económicas com a persistência de um mundo vivo abundante e diversificado.

É possível (ou necessário) elaborar estratégias para suavizar (minimizar) os efeitos das alterações climáticas sobre a distribuição das espécies?

É possível e desejável. Note que as alterações climáticas têm dois tipos de impacte sobre a biodiversidade. Por um lado temos os impactes directos que decorrem da acção do clima sobre as espécies e, por outro, os impactes indirectos que decorrem das actividades humanas de mitigação e da adaptação às alterações climáticas. Ambos requerem medidas específicas de minimização de impactes e ambos têm sido largamente negligenciados ao nível das políticas de conservação da biodiversidade e do ordenamento do território.

Na sua opinião quais são as maiores ameaças à biodiversidade no nosso país?

É difícil fazer afirmações que impliquem uma visão quantificada das ameaças à biodiversidade pois não existem dados suficientes para o efeito. E sem dados tudo o que se possa dizer é simples opinião. Uns dirão que as maiores ameaças decorrem de insuficiências ao nível do ordenamento do território, outros falarão de conflitos com a política agrícola, outros salientarão a poluição hídrica ou a construção de barragens. Eu diria que todos estes factores jogam um papel importante no futuro da biodiversidade deste

País e que poderíamos ainda acrescentar novas ameaças que decorrem de factores dinâmicos, como sejam as alterações contemporâneas do clima e do uso do solo.

Quais as principais ameaças à biodiversidade nos rios e na zona costeira?

O crescente nível de artificialização da nossa costa e dos nossos rios. É verdade que se têm feito progressos no sentido de compatibilizar a biodiversidade e os interesses imediatos de alguns grupos sociais e económicos na faixa costeira, mas é indiscutível que mais betão e menos áreas naturais têm efeitos negativos sobre a fauna e a flora.

Que avaliação faz sobre as iniciativas tomadas até agora para reduzir a perda de biodiversidade?

Há exemplos de iniciativas concretas com efeitos positivos sobre a biodiversidade, como é o caso de algumas medidas agro-ambientais, projectos específicos de ordenamento da faixa costeira, a aquisição e gestão de algumas propriedades para fins de conservação. Mas, globalmente, o montante do investimento em actividades deletérias para a biodiversidade continua a ser superior ao montante do investimento em actividades de promoção da mesma.

Como vê a importância estratégica da biodiversidade para a economia do país?

Apesar da sua reduzida dimensão, Portugal possui 43 % da fauna de vertebrados

terrestres da União Europeia, depois da Noruega e da Suíça. É o quarto país europeu com maior número de endemismos vegetais e o terceiro em espécies ameaçadas. Possui ainda 75 % do território incluído nos apenas 1.4 % do planeta considerados necessários para salvar 44 % das plantas vasculares e 35 % dos vertebrados a nível global. A importância relativa de Portugal em matéria de biodiversidade acarreta responsabilidades mas também permite criar oportunidades. O grande desafio que temos pela frente é valorizar este património de modo a torná-lo útil para o desenvolvimento económico do País. Ao expor a utilidade deste património biológico estamos a ampliar o “constituency” de pessoas interessadas na preservação da biodiversidade e a garantir a sustentabilidade dos financiamentos para a sua conservação.

Quais os caminhos para aumentar a consciência pública sobre a importância da salvaguarda da biodiversidade?

Tem sido feito um trabalho notável de sensibilização das populações para a importância da biodiversidade, quer através do ensino formal, nas escolas, quer através dos meios de comunicação social. A continuação deste bom trabalho é necessária mas temos de ser mais eficazes na demonstração de que a biodiversidade além de implicar, nalguns casos, custos de oportunidade também pode criar oportunidades para gerar riqueza. Portugal tem um património biológico elevado no contexto Europeu. À nossa frente apenas se encontram a Espanha e a Grécia, se

excluirmos os Açores e a Madeira. Se as incluirmos, passamos ao segundo lugar do “ranking”. Ora este capital biológico tem capacidade de gerar mais riqueza do que a que tem sido gerada, nomeadamente do ponto de vista turístico.

Qual a importância da educação ambiental na manutenção da biodiversidade (ou na conservação de espécies)?

A educação ambiental contribui para fortalecer atitudes de cidadania e um cidadão responsável será sempre um defensor da biodiversidade.

“A importância relativa de Portugal em matéria de biodiversidade acarreta responsabilidades mas também permite criar oportunidades”

* Miguel Bastos Araújo (Bruxelas 1969) é licenciado em Geografia e Planeamento Regional (1994) pela Universidade Nova de Lisboa e Mestre (1995) e Doutor (2000) em Biologia da Conservação pela “University College” de Londres. Foi investigador no “Natural History Museum” de Londres (1997-2000), no “Centre National de la Recherche Scientifique” (CNRS, 2001-2003) de Montpellier, na Universidade de Oxford (2004-2005) e na Universidade de Copenhaga (2006). Actualmente é investigador principal do “Consejo Superior de Investigaciones Científicas” (CSIC) no Museu Nacional de Ciências Naturais de Madrid e investigador coordenador convidado na Universidade de Évora, onde é titular da Cátedra Rui Nabeiro/Delta em Biodiversidade. Miguel B. Araújo é ainda editor das prestigiadas revistas científicas “Ecography”, “Journal of Biogeography” e “Conservation Letters” e membro do comité científico do comité “BioDiscovery” do Programa Internacional para a Ciência da Biodiversidade (DIVERSITAS). Durante a sua carreira científica, Miguel B. Araújo publicou mais de 100 artigos em revistas científicas da especialidade (nomeadamente nas revistas “Nature” e “Science”) e livros e é, actualmente, o autor português mais citado na área da ecologia e ambiente.

